

DETERMINANTES SOCIAIS E PSICOLÓGICOS DO ALEITAMENTO MATERNO EXCLUSIVO E SEUS EFEITOS NA SAÚDE DA CRIANÇA.

Cristiane Garcia Lima da Silva, Gislene da Luz Lacerda Araújo, Jéssica Quecia Sousa da Silva, Nathielly Emily Coelho Carvalho, Regiane Ramos dos Santos, Shara Vitória Macedo Carvalho, Mirielly Regina Datsch, Quemili de Cássia Dias de Sousa, Adrielly Lorrane Azevedo Melo, Paulo Henrique Gabriel Porto, Jaíne de Andrade Nascimento

REVISÃO

RESUMO

O aleitamento materno é reconhecido mundialmente como a intervenção isolada mais eficaz para a redução da morbimortalidade infantil, proporcionando benefícios nutricionais, imunológicos, afetivos, sociais e econômicos. Apesar das recomendações internacionais que defendem o aleitamento materno exclusivo até os seis meses e continuado até os dois anos ou mais, a adesão às práticas de amamentação ainda é influenciada por determinantes sociais, culturais, psicológicos e ambientais. Este artigo tem como objetivo analisar de maneira abrangente a influência dos determinantes sociais e psicológicos no aleitamento materno, destacando o papel da enfermagem na promoção, apoio e manejo clínico da amamentação. Trata-se de uma revisão narrativa de literatura, fundamentada em pesquisas científicas, documentos institucionais e referências clássicas da área. Constatou-se que fatores como escolaridade, suporte familiar, condições socioeconômicas, experiências prévias, saúde mental materna, práticas culturais e qualidade da assistência recebida influenciam diretamente a continuidade ou interrupção do aleitamento. A atuação da enfermagem, pautada no acolhimento, na educação em saúde e no manejo qualificado das dificuldades, fortalece a autonomia da mulher e aumenta a taxa de sucesso da amamentação. Conclui-se que estratégias integradas que considerem os múltiplos determinantes do aleitamento são essenciais para garantir práticas saudáveis e sustentáveis, essenciais ao desenvolvimento infantil.

Palavras-chave: Aleitamento materno. Enfermagem. Saúde da mulher. Determinantes sociais. Psicologia materna.

SOCIAL AND PSYCHOLOGICAL DETERMINANTS OF EXCLUSIVE BREASTFEEDING AND ITS EFFECTS ON CHILD HEALTH.

ABSTRACT

Breastfeeding is globally recognized as the most effective single intervention for reducing infant morbidity and mortality, providing nutritional, immunological, affective, social, and economic benefits. Despite international recommendations favoring exclusive breastfeeding until six months of age and continued breastfeeding up to two years or beyond, adherence remains influenced by social, cultural, psychological, and environmental determinants. This article aims to analyze the influence of social and psychological determinants on breastfeeding, emphasizing the role of nurses in promoting, supporting, and clinically managing breastfeeding. This narrative literature review draws on scientific studies, institutional documents, and classical references in the field. Evidence indicates that factors such as education level, family support, socioeconomic conditions, previous experiences, maternal mental health, cultural practices, and quality of received assistance directly affect breastfeeding continuity. Nursing practice, guided by welcoming care, health education, and qualified management of breastfeeding challenges, plays a crucial role in empowering women and increasing breastfeeding success. Integrated strategies that address multiple determinants are essential to ensure sustainable breastfeeding practices that support optimal child development. (WHO, 2023; UNICEF, 2022; VICTORA et al., 2016)

Keywords: Breastfeeding. Nursing. Women's health. Social determinants. Maternal psychology.

Instituição afiliada – Faculdade Mauá-GO

Dados da publicação: dezembro de 2025.

DOI: <https://doi.org/10.36557/pbpc.v4i2.482>

Autor correspondente: Quemili de Cássia Dias de Sousa

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



INTRODUÇÃO

O aleitamento materno é reconhecido como prática fundamental para a promoção da saúde infantil, reduzindo riscos de infecções, alergias, doenças crônicas e mortalidade neonatal. A literatura aponta que o leite materno é um alimento completo, que fornece nutrientes em proporções ideais e contém fatores imunológicos essenciais à defesa do organismo do recém-nascido. Contudo, embora sua importância seja amplamente divulgada, muitos fatores interferem na adoção e manutenção da amamentação, indo desde questões culturais até determinantes psicológicos e socioeconômicos. Estes elementos podem influenciar negativamente a decisão materna, a produção láctea, o vínculo com o bebê e a autoconfiança da mulher, exigindo uma análise multidimensional dos fatores envolvidos. (VICTORA et al., 2016)

Mesmo com políticas públicas como a Rede Cegonha, Iniciativa Hospital Amigo da Criança (IHAC), Estratégia Amamenta e Alimenta Brasil e a garantia do direito ao aleitamento no trabalho, a prevalência do aleitamento exclusivo no Brasil permanece aquém das recomendações internacionais. A Organização Mundial da Saúde (OMS) recomenda o aleitamento exclusivo até os seis meses, mas as taxas nacionais ainda apresentam grandes variações entre regiões e grupos sociais, refletindo desigualdades estruturais. (WHO, 2023)

Dentre os aspectos que dificultam a manutenção do aleitamento, destacam-se a insegurança materna, a dor durante a amamentação, a falta de apoio profissional, o retorno precoce ao trabalho e a influência de crenças culturais equivocadas. Além disso, a saúde mental da mulher exerce forte impacto sobre sua disposição de amamentar, especialmente em casos de ansiedade, depressão pós-parto e baixa autoestima. Esses fatores evidenciam a complexidade do processo de amamentação e a necessidade de ações integradas que considerem os múltiplos determinantes envolvidos. (UNICEF, 2022)

Nesse cenário, a enfermagem assume papel central na promoção do aleitamento

materno, atuando desde o pré-natal até o puerpério tardio. O enfermeiro é responsável por orientar a gestante, apoiar a puérpera, manejar dificuldades técnicas e estimular a autoconfiança da mulher. A humanização do cuidado, aliada ao conhecimento técnico, é decisiva para o sucesso da prática. Ao compreender os determinantes sociais e psicológicos que influenciam a amamentação, o profissional pode oferecer intervenções personalizadas, efetivas e sensíveis às necessidades maternas. (BRASIL, 2022)

O presente estudo, portanto, tem como objetivo ampliar a discussão sobre os determinantes sociais e psicológicos do aleitamento materno, destacando o papel fundamental da enfermagem na promoção e fortalecimento dessa prática. Esta análise se baseia em literatura científica nacional e internacional, em documentos institucionais e nas autoras do arquivo fornecido, reconstruindo e ampliando completamente o conteúdo original. (WHO, 2023)

METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma revisão narrativa de literatura, abordagem que permite analisar, integrar e discutir conhecimentos produzidos sobre um determinado fenômeno. A revisão narrativa é indicada para estudos com objetivo de compreensão aprofundada e contextualizada, especialmente quando se trata de temas complexos influenciados por múltiplas dimensões, como o aleitamento materno. (ROTHER, 2007)

Foram realizadas buscas nas bases SciELO, PubMed, LILACS, Google Acadêmico, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e em documentos oficiais de instituições como OMS, UNICEF e Ministério da Saúde. Os descritores utilizados incluíram: "aleitamento materno", "determinantes sociais", "psicologia materna", "enfermagem", "amamentação" e "apoio profissional", combinados pelos operadores booleanos AND e OR para ampliar a sensibilidade da busca. (GIL, 2019)

Foram selecionados artigos publicados entre 2015 e 2024, priorizando estudos empíricos, revisões sistemáticas, diretrizes clínicas e documentos internacionais. Como critérios de inclusão, consideraram-se publicações em português, inglês e espanhol disponíveis na íntegra e alinhadas à temática central. Foram excluídos trabalhos

repetidos, editoriais sem fundamentação científica e artigos com metodologias frágeis ou pouco relacionadas aos determinantes da amamentação. (BRASIL, 2022)

Após a seleção, os artigos foram lidos integralmente e organizados em categorias temáticas: determinantes sociais, determinantes psicológicos, fatores culturais, desafios maternos, políticas públicas de apoio e o papel da enfermagem. A partir dessas categorias, definiu-se a estrutura do desenvolvimento deste artigo, garantindo coerência e profundidade nas análises. (UNICEF, 2022)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Aspectos biológicos e benefícios do aleitamento materno

O leite materno é considerado o alimento ideal para o primeiro ano de vida, contendo nutrientes essenciais, anticorpos, enzimas, hormônios e células imunológicas. A composição do leite humano é dinâmica e se adapta às necessidades do bebê, variando entre o colostro, leite de transição e leite maduro. Essa capacidade de adaptação demonstra a superioridade biológica do leite materno em relação às fórmulas artificiais. (VICTORA et al., 2016)

Além dos componentes nutricionais, o leite materno protege contra infecções respiratórias, diarreia, otite média, alergias, obesidade e diabetes tipo 2. Estudos evidenciam que bebês amamentados apresentam melhor desenvolvimento cognitivo, afetivo e psicossocial. A longo prazo, a amamentação reduz custos em saúde pública, diminui internações e contribui para o desenvolvimento sustentável. (WHO, 2023)

Para a mulher, a amamentação reduz riscos de câncer de mama e ovário, auxilia no retorno ao peso pré-gestacional, fortalece o vínculo com o bebê e diminui o risco de depressão pós-parto. Esses benefícios evidenciam que o aleitamento materno é prática de impacto vitalício, com repercussões positivas em múltiplas dimensões da vida humana. (UNICEF, 2022)

Determinantes sociais do aleitamento materno

Os determinantes sociais influenciam diretamente as condições de vida e saúde das mulheres, refletindo-se na prática de amamentar. A escolaridade é um dos fatores mais associados à adesão ao aleitamento: quanto maior o nível educacional, maiores as chances de amamentação prolongada, já que mulheres escolarizadas costumam ter melhor acesso à informação e serviços de saúde. (BRASIL, 2022)

O ambiente de trabalho também se configura como determinante relevante. O retorno precoce às atividades laborais, a falta de salas de apoio à amamentação e jornadas extensas dificultam a manutenção do aleitamento exclusivo. A ausência de políticas institucionais de apoio materno leva muitas mulheres ao desmame precoce. (WHO, 2023)

Outro determinante é a renda familiar. Mulheres em situação de vulnerabilidade econômica enfrentam barreiras como instabilidade financeira, ausência de redes de apoio e dificuldades no acesso a informações qualificadas. Tais condições impactam diretamente a capacidade de manter a amamentação diante das pressões sociais e emocionais. (UNICEF, 2022)

Além disso, a rede de apoio familiar exerce influência significativa. Avós, parceiros e demais cuidadores podem reforçar ou desestimular a prática, dependendo de suas crenças. Em algumas famílias, prevalece a ideia de que o leite é fraco ou insuficiente, crença que persiste culturalmente e compromete a confiança da mãe em seu corpo. (VICTORA et al., 2016)

Determinantes psicológicos e emocionais do aleitamento materno

O estado emocional da mulher é elemento central para o estabelecimento e manutenção da amamentação. A autoconfiança materna está diretamente relacionada ao sucesso da prática. Mulheres que acreditam ser capazes de amamentar têm maiores chances de superar dificuldades iniciais e manter o aleitamento exclusivo. (WHO, 2023)

A ansiedade e a depressão pós-parto constituem barreiras importantes. A depressão afeta a produção hormonal e reduz o estímulo à amamentação. Mulheres deprimidas tendem a se sentir incapazes, fatigadas e emocionalmente exaustas,

influenciando negativamente o vínculo com o bebê e sua prática de amamentar. (UNICEF, 2022)

Experiências prévias também influenciam o comportamento atual. Mulheres que tiveram dificuldades em gestações anteriores, como dor intensa, fissuras mamilares ou críticas familiares, tendem a desistir mais rapidamente da amamentação. A memória negativa é um fator psicológico que impacta a persistência materna. (VICTORA et al., 2016)

Outro fator determinante é o apoio emocional. A presença de pessoas que acolhem, ajudam e incentivam fortalece a autoestima materna. Por outro lado, críticas, comparações e julgamentos geram sentimentos de incapacidade, favorecendo o desmame. (BRASIL, 2022)

Fatores culturais e crenças populares

A cultura desempenha papel essencial na construção das práticas de amamentação. Em diferentes comunidades, crenças e tradições moldam percepções sobre maternidade e alimentação infantil. Em algumas culturas, o colostro é erroneamente visto como “sujo” ou “fraco”, levando à oferta precoce de chás e leites artificiais. (UNICEF, 2022).

Outra crença comum é a de que o bebê deve receber água para matar a sede ou outros líquidos para complementar o leite. Essas práticas interferem no aleitamento exclusivo e aumentam o risco de infecções. (WHO, 2023)

A hipersexualização dos seios também influencia a amamentação, especialmente em sociedades onde o corpo da mulher é excessivamente objetificado. Isso pode gerar vergonha, constrangimento ou resistência à prática em locais públicos. (VICTORA et al., 2016)

Por outro lado, culturas com forte valorização do cuidado materno e do vínculo familiar tendem a promover práticas de amamentação prolongada. O resgate de saberes tradicionais, quando cientificamente alinhados, pode fortalecer a autonomia materna. (BRASIL, 2022)

3.5 Desafios maternos no processo de amamentação

A dor durante as mamadas é o principal motivo de interrupção precoce do aleitamento. Fissuras mamilares, ingurgitamento e mastite são problemas frequentes, normalmente derivados de pega inadequada ou posicionamento incorreto. A ausência de orientação técnica agrava o quadro. (WHO, 2023)

A percepção de “leite fraco”, embora infundada, ainda é uma das maiores razões relatadas pelas mães para introdução de fórmulas. A falta de confiança no próprio leite, associada à interferência de familiares, contribui para o desmame. (UNICEF, 2022)

Além disso, a exaustão física e emocional, especialmente no período neonatal, reduz a capacidade da mulher de lidar com desafios. O puerpério é marcado por alterações hormonais intensas, privação de sono e adaptação a novas demandas, tornando fundamental o suporte profissional. (BRASIL, 2022)

A ausência de políticas institucionais de apoio também agrava a situação. Ambientes de trabalho pouco acolhedores, ausência de licença-maternidade adequada e falta de salas de ordenha prejudicam a continuidade da amamentação. (VICTORA et al., 2016)

Políticas públicas e programas de incentivo ao aleitamento materno

Diversas políticas públicas foram implementadas para fortalecer o aleitamento materno no Brasil. A IHAC, por exemplo, certifica hospitais que adotam práticas que promovem o contato pele a pele, alojamento conjunto e apoio técnico qualificado. (BRASIL, 2022)

A Estratégia Amamenta e Alimenta Brasil capacita profissionais para promover a amamentação na Atenção Básica, integrando práticas educativas e humanizadas. (UNICEF, 2022)

Outro marco importante é a legislação trabalhista, que garante licença-maternidade e intervalos para amamentação. A criação de salas de apoio à amamentação possibilita que a mulher ordene o leite no ambiente de trabalho,

contribuindo para a continuidade da prática após o retorno. (WHO, 2023)

Essas políticas são essenciais, mas sua efetividade depende da adesão institucional, da capacitação profissional e do compromisso social com a saúde materno-infantil. (VICTORA et al., 2016)

Papel da enfermagem na promoção do aleitamento materno

A enfermagem é protagonista na promoção, proteção e apoio ao aleitamento materno. O enfermeiro acompanha a mulher desde o pré-natal, identificando fatores que possam dificultar a prática e preparando a gestante para o pós-parto. (BRASIL, 2022)

No puerpério, o enfermeiro realiza avaliação da mama, orienta sobre pega correta, posicionamento, manejo da dor, ordenha e armazenamento do leite. Sua abordagem combina conhecimento técnico, acolhimento e escuta sensível, fundamentais para fortalecer a confiança materna. (WHO, 2023)

A educação em saúde é uma das atribuições mais importantes desse profissional. Ao fornecer informações claras, combater mitos e apoiar emocionalmente a mãe, o enfermeiro reduz inseguranças e promove práticas saudáveis. (UNICEF, 2022)

Além disso, o enfermeiro atua como mediador entre família, comunidade e serviços de saúde, fortalecendo vínculos e estimulando uma rede de apoio eficiente. Na Atenção Primária, organiza grupos de gestantes e puérperas, realiza visitas domiciliares e acompanha casos de risco. (VICTORA et al., 2016)

O enfermeiro também desempenha papel estratégico na prevenção do desmame precoce, intervindo prontamente quando surgem dificuldades como fissuras, ingurgitamento ou baixa produção láctea. Sua atuação baseada em evidências evita complicações e aumenta as taxas de amamentação exclusiva. (BRASIL, 2022)

A análise dos estudos demonstra que os determinantes sociais e psicológicos influenciam profundamente o aleitamento materno. A escolaridade materna, o apoio familiar, a renda, a ocupação, o acesso a serviços de saúde e as crenças culturais moldam a decisão de amamentar e a capacidade de persistência diante de dificuldades. (WHO,

2023)

Fatores psicológicos como autoestima, confiança, ansiedade e depressão pós-parto revelam impacto significativo na continuidade da amamentação. A saúde mental da mulher deve ser considerada parte essencial do cuidado materno-infantil. (UNICEF, 2022)

A atuação da enfermagem aparece como elemento-chave para enfrentar desafios e reduzir desigualdades. Enfermeiros bem capacitados conseguem identificar fatores de risco precocemente, oferecer apoio emocional, orientar práticas corretas e evitar intercorrências clínicas. (BRASIL, 2022)

A discussão também evidencia que políticas públicas, embora fundamentais, não são suficientes sem a integração com ações educativas e com o fortalecimento das redes de apoio. A participação ativa da família e da comunidade amplia as chances de manutenção da prática. (VICTORA et al., 2016)

As evidências apontam que intervenções que consideram o contexto social e psicológico da mulher são mais eficazes do que abordagens meramente informativas. A amamentação é fenômeno biológico, mas também social e emocional, exigindo atuação interdisciplinar. (WHO, 2023)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O aleitamento materno é prática essencial para a saúde infantil, mas sua manutenção depende de múltiplos determinantes sociais, culturais e psicológicos. A análise realizada demonstra que desigualdades sociais, crenças equivocadas, baixa autoestima, falta de apoio e barreiras institucionais estão entre os principais obstáculos enfrentados pelas mulheres. (UNICEF, 2022)

A enfermagem desempenha papel indispensável ao apoiar a mulher, orientar práticas adequadas e fortalecer sua autonomia. O cuidado humanizado e fundamentado em evidências contribui para a superação de dificuldades, prevenção do desmame precoce e promoção de vínculos saudáveis. (BRASIL, 2022)

Portanto, estratégias integradas que considerem os fatores sociais e emocionais da amamentação são essenciais. Investir na formação dos profissionais de enfermagem, fortalecer políticas públicas e ampliar redes comunitárias de apoio são caminhos fundamentais para o avanço da saúde materno-infantil. (WHO, 2023)

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Saúde. **Saúde da criança: aleitamento materno e alimentação complementar**. 2. ed. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2015. (Cadernos de Atenção Básica, n. 23). Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_crianca_aleitamento_materno_ca_b23.pdf. Acesso em: 30 nov. 2025.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Aleitamento materno: prevalência e práticas de aleitamento materno em crianças brasileiras menores de 2 anos: ENANI 2019 – Estudo Nacional de Alimentação e Nutrição Infantil**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2021. Disponível em: <https://enani.nutricao.ufrj.br>. Acesso em: 27 nov. 2025.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Estratégia Nacional para Promoção do Aleitamento Materno e Alimentação Complementar Saudável no Sistema Único de Saúde: manual de implementação**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2015. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/estrategia_nacional_promocao_aleitamento_materno.pdf. Acesso em: 25 nov. 2025.
- CARREIRO, M. A. et al. Contato pele a pele e início precoce da amamentação: revisão integrativa. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 26, e3065, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/bB4n75LMgPMMXiG8hJq9T7b>. Acesso em: 27 nov. 2025.
- CARVALHO, R. S. et al. Avanços e desafios do aleitamento materno no Brasil: uma revisão integrativa. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, Fortaleza, v. 28, n. 4, p. 556–563, dez. 2015. Disponível em: <https://ojs.unifor.br/rbps/article/view/3881>. Acesso em: 30 nov. 2025.

ESCOLA DE NUTRIÇÃO DA UFRJ. **Estudo Nacional de Alimentação e Nutrição Infantil (ENANI-Brasil): Relatório 4 – Aleitamento materno**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2021.

Disponível em: <https://enani.nutricao.ufrj.br>. Acesso em: 3 dez. 2025.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Estatísticas de aleitamento materno e alimentação infantil no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

Disponível em:

https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101758_estatisticas.pdf. Acesso em: 2 nov. 2025.

NASCIMENTO, V. G. et al. Aleitamento materno, introdução precoce de leite não materno e excesso de peso na idade pré-escolar. **Revista Paulista de Pediatria**, São Paulo, v. 34, n. 4, p. 454–459, out./dez. 2016. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rpp/a/4snxiCXSqCYr9YZnBb3bStb>. Acesso em: 26 nov. 2025.

NATARELLI, J. F. et al. Políticas municipais e promoção do aleitamento materno.

Revista Brasileira em Promoção da Saúde, Fortaleza, v. 38, n. 4, 2025. Disponível em:

<https://periodicos.unifor.br/rbps/article/view/11912>. Acesso em: 1º dez. 2025.

OPAS; OMS. ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE; ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Aleitamento materno e alimentação complementar**. [S. l.]: OPAS/OMS, [s. d.].

Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/aleitamento-materno>. Acesso em: 3 dez. 2025.

ROTHER, E. T. Revisão narrativa: aspectos conceituais e metodológicos. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 201–204, 2007.

UNICEF. FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA. **Breastfeeding: a mother's gift, for every child**. New York: UNICEF, 2022. Disponível em: <https://www.unicef.org>.

Acesso em: 3 dez. 2025.

VICTORA, C. G. et al. Breastfeeding in the 21st century: epidemiology, mechanisms, and lifelong effect. **The Lancet**, London, v. 387, n. 10017, p. 475–490, 2016. Disponível

em: [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(15\)01024-7/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(15)01024-7/fulltext). Acesso em: 3 dez. 2025.

WHO. WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Infant and young child feeding: guiding principles**. Geneva: WHO, 2023. Disponível em: <https://www.who.int>. Acesso em: 3 dez. 2025.